Uma vida exemplar

Foi aí pelo ano de 1917 que conheci o então clérigo, hoje Monsenhor João Quintela Raeder, Vigário do Barreto. Era êle, nesse tempo, um jovem, bem apessoado, bonito, de corpo, no gesto, comedido, o "benjamim dos teólogos", demonstrando no porte e nas atitudes finas ascendência européia de linhagem heráldica. Normalista, usava oculos de grau, apesar da idade juvenil. À cabeça brazia sempre o barrete tricuspide e a batina luzente e alpaca deixava transparecer o capricho e o apuro do alfaiate que a talhara.

Cursava o clérigo Raeder, como abreviadamente o apelidávamos, primeiro ano de teologia, no Seminário de S. José, nesta cidade, próximo à Porta das Pedras, dirigido superiormente por Mons. Antunes, sacerdote português de raras virtudes, amigo dos alunos, o que lhe não impedia de ser grandemente respeitado por êles.

Já lá vão três boas décadas! Como o tempo passa depressa. Conheci-o, e desde logo nos tornámos amigos.

Quando entrei para o Seminário, não comecei os meus estudos, pelo primeiro ano ginasial, como a maioria de meus colegas. Já tinha exames de preparatórios, feitos cá fora, o que me permitiu a matrícula no terceiro ano. do Seminário. Não pude ir mais além, por causa do latim. Nos seminários, o programa dessa matéria é muito mais extenso e exige conhecimentos mais perfeitos dos clássicos. Até então só me era familiar Cornélio e Fedro. Nunca tradujera César, nem Vergílio. Em todo caso, já conseguira muito.

Apesar da distância que havia entre nós, — eu, simples ginasiano, e o João Raeder, teólogo, tornamo-nos bons amigos e, nos recreios, preferia a sua companhia a qualquer outra. Só quem vive num internato compreende êsses movimentos instintivos de simpatia ou antipatia que nasce às vezes entre colegas, logo ao primeiro contacto. Numa casa religiosa, onde se pratica a virtude da tolerância e do amor ao próximo, a simpatia é mais frequente por causa da afinidade de sentimentos e ideais, mas o certo é que existem também as pequenas antipatias.

Dois motivos de atração exibiram em torno ao clérigo Rander: o estudo da língua e o gôsto das letras. Era êle um estudioso do idioma vernáculo, que lecionava aos alunos do segundo ano do curso ginasial. Naquele tempo, as questões de linguagem eram já também o meu fraco, em tão recuados tempos. Nas horas vagas, que me deixavam as outras disciplinas, devorava, até os espinhos, como um esquilo, [illegible], o Carlos Pereira, o [illegible], os dois Ribeiros (Júlio e João), o Alfredo Gomes, o Heráclito, etc. Não havia controvérsia, a mais acesa de então, sobre assuntos linguísticos, em que não me metesse. E quando algum colega insistia em frisar alguma puerilidade de respeitável doutrina gramática, podia contar que me tinha pela frente. Era eu uma espécie de espadachim fanático da dogmática normativa.

Outro elo que nos prendeu, desde logo, foi a poesia. Fui também — pode admirar-se — [illegible] lidos, incluindo da poesia. O clérigo João [illegible] Rander era o poeta do Seminário. Um poeta de verdade. Não me disse que andou a fazer [illegible]. Com pedras pelo caminho e ficam tristes, preocupados, sem saberem o que hão de fazer delas! O José Rander se encontrava alguma pedra, passava por cima dela, de um salto, e continuava a caminhar, despreocupado, como um rei de espírito, [illegible] a [illegible] por [illegible] crepúsculos, depois de [illegible], que [illegible]. Escrevia versos inspirados, de grande unção religiosa, que só mostrava aos íntimos. Em ocasiões de solenidade, permitia que fossem declamados, por colegas, alguns poucos; fora daí, guardava-os avaramente, não por [illegible] egoístico, mas por humildade cristã. Não gostava de exibir-se. Não sei se o meu velho amigo continua ainda o seu pacto com as musas. É bem possível que já tenha dependurado a lira. Mas é pena! Se as musas não fazem mal aos outros, muito menos aos padres... Grandes santos da Igreja, apesar das fadigas do ministério pastoral, não deixaram o convívio com elas, em prosa e verso.

A par da poesia, cultivou também o clérigo Rander a música. Empolgado por ela, passava as [illegible] horas [illegible] os recreios, nos momentos de folga, que lhe restavam, ao estudo, [illegible] ao harmônio, [illegible] [illegible]

[illegible]

A sua nova atividade absorveu-o de tal modo, que [illegible]
ramente palestrava com os colegas. Andava sempre ocupado. No estudo, [illegible]
[illegible] os olhos [illegible] do compêndio; na capela, [illegible] de oração [illegible]
[illegible] pelos [illegible] de mestres. [illegible]
[illegible] esforço constante havia de depauperar-lhe o organismo. E foi
o que aconteceu. Enfermou gravemente. Depois de longos dias de
sofrimento, em que revelou uma resignação verdadeiramente cristã, deixou o seminário, em busca dos [illegible] ares da terra natal e dos
e dos carinhos maternos. Não poderei resumir, em poucas palavras, o
que representou, para os amigos, a sua enfermidade
e o seu afastamento. Foram dias de angústia e de saudade.

O milagre da cura fê-lo Maria Santíssima
de quem sempre se mostrou grande devoto. [illegible]
seu cantor [illegible]. [illegible] Restituindo
o nosso amigo ao seminário, gordo, faces rosadas, bem disposto, a retomar o fio
[illegible]
[illegible] das atividades interrompidas. Cursou em [illegible] o primeiro ano de [illegible]
[illegible] alguns anos [illegible] e melhor pude julgar do
seu talento, quando chamado à lição pelo nosso santo prelado D. Agostinho, [illegible]
[illegible]. Em palmilhei a via-crucis do mundo, [illegible]
[illegible] do seminário, expunha a matéria do dia em [illegible] os seus pormenores, [illegible]
[illegible] aspera, encostas, cheias de [illegible] embocadas, incompreensivas
escorreita e fácil.
[illegible] às vezes pelos homens, outras muitas não querendo com-
preendê-los, para evitar maiores decepções. O clérigo
João Raeder prosseguiu o curso eclesiástico, com o mesmo ardor
e o mesmo [illegible]. Finalmente chegou à [illegible] da carreira
[illegible]. Realizando o que sempre pretendeu: [illegible] ministro de Re-
[illegible]. Não satisfeito, quis ter a seu cargo um rebanho. Pároco
do Barreto, a sua atividade se tem assinalado por um grande
número de realizações, o que o torna [illegible] e amado de [illegible]
[illegible]. O seu grande sonho é terminar a construção
da matriz da paróquia, cujas obras estão bastante
adiantadas.

A Santa Sé, para [illegible] a vida afanosa e santa, [illegible]
[illegible]
[illegible]

O respeitável Monsenhor Raeder,

dos bons servos, é hoje uma das mais belas figuras da Igreja Católica, no Estado do Rio. [Pisa-lhe cristãos, por palavras vida, o dom santo sacrifício, para bem das almas, que lhe foram confiadas, e maior glória de Deus. Dá-se o dia seu jubileu, e a homenagem de minha admiração, que lhe tenho, como expressão verdadeira de minha admiração. Ele partilhará mesma vida hoje.]

O tempo muda os povos físicamente. Engrossa, envelhece, os rostos, predicados, da alma, se deforma. Mas a alma continua a mesma intacta.

Monsenhor Raeder continua a ser hoje, o que foi outrora, com grande alma boa, cabeça sadia, coração puro. No dia de seu jubileu, pretendia prestar-lhe uma homenagem melhor, mas o tempo e as muitas ocupações não permitiram. Não quis, entretanto, que o dia passasse sem

Graças se possa por mim a vós.

Não fôsse, entretanto, o tempo um pouco, um pouco negro. Um pouco de pudor, alguns anos, salpicou de neve os cabelos, sem lhe dar o respeito, o cabelo foi tempo algum tanto, sem os sulcos predicados vida de trabalhos, cingindo-lhe de prêsa e à glória de Deus. do espírito não de aparecer. É o mesmo coração bondoso, e cheio de outros tempos.

Os sulcos predicados do espírito transmitem-lhe sabedoria, ao, abençoados, com a sua luz especial dos anos e dos homens.

Mas fôsse o tempo mudar um pouco, um pouco negro. Traiu-nos nos pouco por mim em vão. Os pequenos pormenores, os do tipo de hoje aparecem sempre. Um pouco mais de pudor, alguns anos no rosto, salpicou de neve os cabelos, sulcos nos predicados vida de trabalhos, cingindo-lhe de prêsa e à glória de Deus. Os do espírito não de aparecer. É o mesmo coração bondoso, e cheio de outros tempos.

Os sulcos predicados do espírito transmitem-lhe sabedoria, ao, abençoados, com a sua luz especial dos anos e dos homens.

Mas fôsse o tempo mudar um pouco, um pouco negro. Traiu-nos nos pouco por mim em vão. Os pequenos pormenores, os do tipo de hoje aparecem sempre. Um pouco mais de pudor, alguns anos no rosto, salpicou de neve os cabelos, sulcos nos predicados vida de trabalhos, cingindo-lhe de prêsa e à glória de Deus. Os do espírito não de aparecer. É o mesmo coração bondoso, e cheio de outros tempos.

Os sulcos predicados do espírito transmitem-lhe sabedoria, ao, abençoados, com a sua luz especial dos anos e dos homens.

Mas fôsse o tempo mudar um pouco, um pouco negro. Traiu-nos nos pouco por mim em vão. Os pequenos pormenores, os do tipo de hoje aparecem sempre. Um pouco mais de pudor, alguns anos no rosto, salpicou de neve os cabelos, sulcos nos predicados vida de trabalhos, cingindo-lhe de prêsa e à glória de Deus. Os do espírito não de aparecer. É o mesmo coração bondoso, e cheio de outros tempos.

Os sulcos predicados do espírito transmitem-lhe sabedoria, ao, abençoados, com a sua luz especial dos anos e dos homens.

Mas fôsse o tempo mudar um pouco, um pouco negro. Traiu-nos nos pouco por mim em vão. Os pequenos pormenores, os do tipo de hoje aparecem sempre. Um pouco mais de pudor, alguns anos no rosto, salpicou de neve os cabelos, sulcos nos predicados vida de trabalhos, cingindo-lhe de prêsa e à glória de Deus. Os do espírito não de aparecer. É o mesmo coração bondoso, e cheio de outros tempos.

Os sulcos predicados do espírito transmitem-lhe sabedoria, ao, abençoados, com a sua luz especial dos anos e dos homens.

Mas fôsse o tempo mudar um pouco, um pouco negro. Traiu-nos nos pouco por mim em vão. Os pequenos pormenores, os do tipo de hoje aparecem sempre. Um pouco mais de pudor, alguns anos no rosto, salpicou de neve os cabelos, sulcos nos predicados vida de trabalhos, cingindo-lhe de prêsa e à glória de Deus. Os do espírito não de aparecer. É o mesmo coração bondoso, e cheio de outros tempos.

Os sulcos predicados do espírito transmitem-lhe sabedoria, ao, abençoados, com a sua luz especial dos anos e dos homens.

Uma vida exemplar

Foi aí pelo ano de 1917 que conheci o então clérigo, hoje Monsenhor João Quintela Raeder, vigário do Barreto. Era êle, nesse tempo, um jovem louro, ~~bonito, delgado de corpo~~, de feições delicadas, bonito mesmo, franzino de corpo, comedido nos gestos, demonstrando no porte e nas atitudes finas ascendência européia de linhagem heráldica. Usava óculos de grau, apesar dos verdes anos. À cabeça Rogia sempre o barrete tricuspida, de borla ao centro, e a batina luzente de alpaca, rigorosamente talhada, atestava o seu capricho e apuro no vestir.

Cursava o clérigo Raeder, como abreviadamente o apelidávamos, o primeiro ano de teologia, no seminário de S. José, nesta cidade, próximo à Ponte das Pedras, dirigido superiormente por Mons. Antunes, sacerdote português de raras virtudes, amigo dos alunos, o que lhe não impedia de ser grandemente respeitado por êles.

~~Já lá vão três boas décadas! Como o tempo passa depois~~

Quando entrei para o Seminário, já lá estava o clérigo Raeder. Não comecei os meus estudos pelo primeiro ano ginasial, como a maioria dos meus colegas. Já tinha alguns preparatórios, prestados cá fora, o que me permitiu a matrícula no terceiro ano. Não pude ir mais além, por causa do malfadado latim. Sempre o latim a perturbar a vida do estudante! Nos seminários, o programa dessa matéria é muito mais extenso que nos colégios leigos. E a rogo é que não se pode conceber um padre que não saiba latim. ~~Dos clássicos só me eram familiares~~ Os meus conhecimentos dos autores latinos eram pescríssimos. Conhecia apenas Eutrópio, Fedro e Corneli. Nunca traduzira César, nem Vergílio, autores adotados no terceiro ano ginasial. ~~Portanto, já conseguira muito~~.

Apesar da distância que nos separava, não em idade, mas em adiantamento — eu, simples ginasiano, e o José Raeder, teólogo — tornámo-nos bons amigos e, nos recreios, [illegible] à de qualquer outro. Só [illegible]

religiosa, onde é preceito cristão a prática da tolerância e o amor do próximo, embora a afinidade de sentimentos e idéias ~~seja mais~~ tenda a ligar a todos numa mesma cadeia de simpatia, existem também, sordamente, as pequenas antipatias.

Para ~~a simpatia que senti pelo~~ o Clérigo Raeder, impelia dois portes motivos: o estudo da língua e o gôsto das letras. Era êle um estudioso do idioma vernáculo, que lecionava aos alunos do segundo ano do ano ginasial, com grande e real proveito para a classe ~~para eles~~. As questões de linguagem eram então, igualmente, o meu traço. Nas horas vagas, que me deixavam as outras disciplinas, devorava, até as espinhas, como um canibal, o Carlos Pereira, o Maximiano Macial, os dois Ribeirinos (Júlio e João), o Alfredo Gomes, o Hemetério, etc. Não havia controvérsia sôbre assunto gramatical que não metesse a minha colher de pau. E quando algum colega, por acaso ~~[illegible]~~ ofendia os pundonores ~~[illegible]~~ da ~~respeitável~~ senhora gramática, podia contar que me tinha pela frente, a desagravar, como um espadachim, os atentados contra a respeitável matrona.

Outro elo que desde logo nos prendeu, foi a poesia. Fui sempre um grande admirador das belas letras, principalmente da poesia. O Clérigo João Lúcio Raeder era o poeta do seminário, mas poeta na boa acepção do têrmo. Não era dêsses que andam a topar com pedras pelo caminho e não sabem como safar-se delas. Escrevia versos inspirados, de grande unção religiosa, que só mostrava aos íntimos. Em certas ocasiões, depois de muitas instâncias, consentia em declamar algumas composições. Fora daí, guarda-va-as avaramente, não pelo prazer egoístico de experimentar sózinho as belas emoções que as suas imagens evocavam, mas por humildade cristã. Não gostava de ostentação.

Não sei se o meu distinto amigo continua o seu trato com as musas. É bem possível que já tenha dependurado a lira. Mas é pena! Se eles não fazem mal aos doutores, com [illegible] o Ferreira, [illegible] aos padres!